



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/encontramo-nos-no-exilio/>

Refúgios inóspitos: sobrevivência marginal em *The Handmaid's Tale*

Thamires Ribeiro de Mattos¹

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo explorar algumas possibilidades de refúgio de mulheres no livro *O Conto da Aia*, de Margaret Atwood, e série derivada dele, *The Handmaid's Tale*. A história tem suas bases em discussões sobre mudanças climáticas, fertilidade e totalitarismo. A fuga interna ou externa é constante, e, assim, a procura por refúgios se torna grande. Exploro as concepções sobre as bases da história abordadas pela série e pelo livro com base em dois conceitos: “margem”, desenvolvido por bell hooks, e “resistências subalternas”, desenvolvido por Paul Preciado. Além disso, uma análise dos produtos citados será apresentada a fim de expor situações de refúgio neles presentes.

PALAVRAS-CHAVE: *The Handmaid's Tale*. Refúgio. Mudanças climáticas.

Barren Havens: Marginal Survival in *The Handmaid's Tale* and *The Handmaid's Tale*

ABSTRACT: This article aims to explore some possibilities of refuge for women in the book *The Handmaid's Tale*, by Margaret Atwood, and its derivative series, *The Handmaid's Tale*. The story has its roots in discussions of climate change, fertility and totalitarianism. Internal or external flight is constant, and thus, the search for refuges becomes great. I explore the conceptions about the foundations of history addressed by the series and the book based on two concepts: “margin”, developed by bell hooks, and “subaltern resistances”, developed by Paul Preciado. In addition, an analysis of the cited products will be presented in order to expose situations of refuge present in them.

KEYWORDS: *The Handmaid's Tale*. Refuge. Climate change.

Ficção especulativa

Um dos temas mais abordados na cultura mediática contemporânea é a ficção especulativa. Para Atwood (2011), esta é composta de histórias que abordam coisas que têm chances reais de acontecerem ou que já aconteceram. Disso dão mostra diversos produtos: os trabalhos literários de Phillip K. Dick [2]–, em particular, os livros *Andróides Sonham com Ovelhas Elétricas?*, de 1968 e *O Homem do Castelo Alto*, de 1962 –; os longas-metragens *Blade Runner*, de 1982; *Wall-E*, de 2009; *Inception*, de 2010; *Gravity* e *Her*, de 2013; *Ex-Machina*, de 2015; *Arrival*, de 2016[3]; *Annihilation*,

¹ Mestra em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Bacharel em Jornalismo pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). Professora no Unasp. E-mail: thamiresmattos@gmail.com



de 2018; os premiados *Bacurau*, *Parasite* e *Joker*, de 2019; e séries televisivas como *Black Mirror*[4] (2011 – presente), *Orphan Black* (2013 – 2017), *Westworld* (2017 – presente) e *3%* (2016 – 2020).

Recentemente, uma das obras que teve repercussão significativa entre críticos e entusiastas da ficção especulativa foi a série televisiva *The Handmaid's Tale* (2017 – presente). Originalmente distribuída pelo serviço de *streaming* Hulu e veiculada no Brasil pelo Globoplay e o canal pago Paramount Channel, a série, que possui três temporadas, já acumula 75 indicações aos *Primetime Emmys* – sendo que 15 renderam prêmios como os de Melhor Série Dramática, Melhor Atriz em Série Dramática (Elisabeth Moss), Melhor Direção em Série Dramática (Reed Morano) e Melhor Roteiro em Série Dramática (Bruce Miller)[5].

The Handmaid's Tale é uma adaptação do livro homônimo publicado originalmente em 1985 pela escritora canadense Margaret Atwood (em português: “O Conto da Aia”). Atwood encaixa seu livro no gênero de ficção especulativa – algo que “poderia realmente acontecer”[6]. As premissas de *The Handmaid's Tale* (tanto o livro quanto a série) são sobre catástrofes ambientais: devido à intervenção massiva e violenta da humanidade, o solo se torna infértil e reservas naturais estão escassas. A presença de pesticidas e produtos industrializados na alimentação diária das pessoas acaba por fazer com que diversos homens e mulheres se tornem inférteis. O cenário político é conturbado devido à baixa taxa de crescimento demográfico e à escassez de alimentos. Nesse ponto nodal, um movimento religioso explode os prédios do governo dos Estados Unidos da América e toma o poder do país, renomeando-o “República de Gilead”[7].

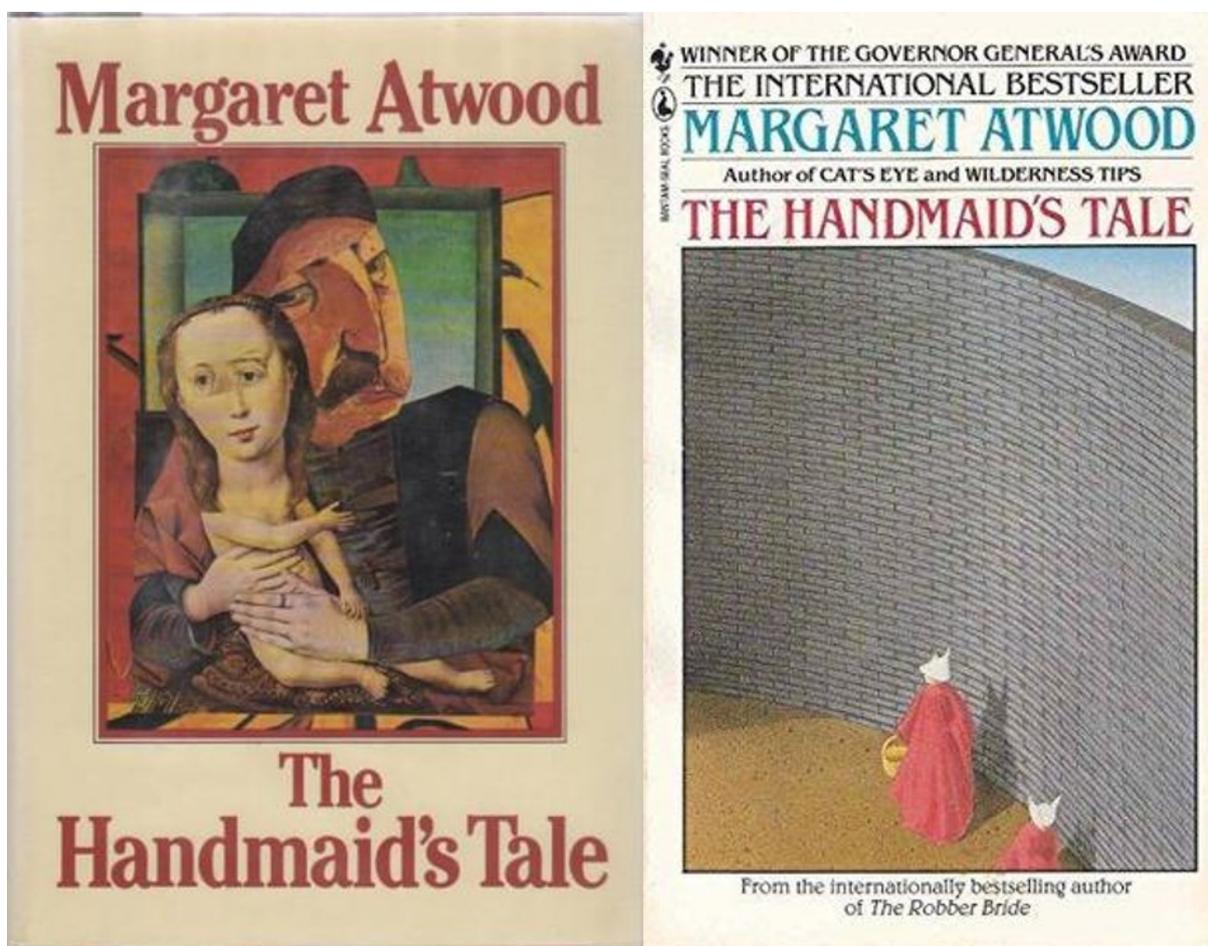


Figura 1: Capa da primeira edição canadense do livro, de 1985, e da primeira edição americana, de 1986. Fonte: Penguin Shop Canada.



O regime totalitário suspende a Constituição, e, supostamente, segue leis bíblicas. No novo país, mulheres não têm direitos civis. Não possuem permissão para ler, escrever, ou, até mesmo, para andar sozinhas em ruas patrulhadas. Elas são divididas em categorias – cada uma com cores de vestimenta definidas:

- Esposas: cônjuges de funcionários de alto escalão do governo. Caso sejam inférteis, são elegíveis para receberem uma Aia. No livro, suas roupas são azuis. Na série, turquesa é a cor designada para a vestimenta.
- Econoesposas: cônjuges de funcionários de médio ou baixo escalão. Não há menção ao recebimento de Aias em caso de infertilidade. No livro, suas roupas são feitas de tecido azul, vermelho e verde desbotado, afinal, elas acumulam as funções das Esposas, Aias e Marthas. Na série, suas roupas são cinzas.
- Aias: o centro narrativo do livro e da série, e as “propriedades” mais preciosas de Gilead (ATWOOD, 2017). Mulheres férteis angariadas pelo governo do país. Eram solteiras, divorciadas/separadas ou casadas/em união estável com homens separados/divorciados ou mulheres antes do regime (nenhum desses modos de união conjugal é reconhecido por Gilead, que os vê como pecaminosos). As aias são estupradas em seus períodos férteis pelo “homem da casa”, que conta com a presença de sua esposa (supostamente) infértil. Dessa maneira, a aia serviria como intermediária entre o marido supostamente fértil e sua mulher. Sua função é apenas a de gestar crianças e entregá-las para a família que participou do rito. Esse evento mensal é chamado de “Cerimônia”. Apenas mulheres são passíveis de infertilidade em Gilead; é proibido dizer o mesmo sobre os homens. Seus vestidos são vermelhos. Usam um gorro branco com os cabelos presos.
- Marthas: Responsáveis por todo o cuidado da casa, como limpeza, cozinha e cuidado de crianças. São reservadas a funcionários de alto escalão. Dependendo das demandas da casa, mais de uma Martha será colocada no mesmo posto. Possuem mais liberdade para ir e vir em comparação às Esposas e Aias, que são sempre vigiadas. Não há menção de nenhuma Martha fértil no livro ou na série. Seus vestidos são verdes, em tom desbotado. Utilizam bandanas da mesma cor e seus cabelos estão sempre presos.
- Tias: exceções às regras, elas são autorizadas a ler, escrever e andar sozinhas. São as únicas mulheres que ocupam cargos de governo. Responsáveis pelo treinamento das Aias e por enviar todas a seus “postos de trabalho”, são, geralmente, mulheres de meia idade. Se vestem de marrom escuro.
- Não-mulheres: Mulheres inférteis, feministas, acadêmicas, membros da comunidade LGBTQ+, religiosos (batistas, quakers, muçulmanos, judeus) que são considerados ameaças ao regime totalitário de Gilead ou que não se adaptam à sociedade. Responsáveis pela limpeza dos campos com lixo tóxico, conhecidos como Colônias. Nos livros, as cores de sua vestimenta são especificadas, embora saibamos que usam vestidos longos. Na série, as roupas são acinzentadas e azuladas (também vestidos). No entanto, como estão sempre sujas, é difícil saber ao certo.
- Jezebéis: Mulheres férteis ou inférteis selecionadas para trabalhar como prostitutas a serviço dos oficiais governamentais ou de comitivas internacionais. Se vestem de maneira sensual – o que, em Gilead, pode significar qualquer coisa fora do padrão. Tanto no livro quanto na série, uma das únicas “vantagens”



mencionadas do setor é o acesso irrestrito à álcool, tabaco e drogas ilícitas. Civis não possuem conhecimento oficial sobre sua existência.

The Handmaid's Tale é narrado por uma das aias – Offred, um patronímico (“Of Fred”; em português: “Do Fred”). No livro, seu nome real não é revelado. Na série, ela se apresenta como June Osborn. Antes do golpe, June trabalhava em uma editora, era casada e tinha uma filha. Sua família foi dispersada ao tentar escapar de Gilead. Depois de um período de “treinamento” para aias, ela é conduzida para a casa de um oficial desconhecido do governo. A narrativa (série e livro) começa em sua segunda postagem: a casa de um Comandante chamado Fred (na série, o sobrenome indicado é Waterford) e sua mulher, Serena Joy.

Submetidas ao estupro institucionalizado de Gilead, aias como Offred procuram modos de (r)existência no governo totalitário. Para o país, sua única utilidade é a fertilidade. Ao decorrer da narrativa, vemos que June e outras personagens se posicionam fortemente contra tal concepção, mesmo enquanto tentam sobreviver – já que, em Gilead, a punição para desobediência vai desde a retirada de olhos até morte por força ou afogamento.

Margaret Atwood afirma que nada do que está em *O Conto da Aia* foi meramente inventado, mas aconteceu em períodos históricos ou regiões diferentes (HOMAN, 2007). A Alemanha Nazista é citada como inspiração para a divisão explícita da população e a execução regular de “ameaças” ao regime totalitário. Além disso, as Colônias – grandes terrenos com lixo tóxico – são paralelos aos campos de concentração nazista: lá, as “não-mulheres” são tratadas como sub-humanos, e trabalham até sua aniquilação em ambientes inóspitos. Elas são a classe indesejada da sociedade gileadiana, assim como judeus e outros grupos eram reconhecidos pela Alemanha Nazista (ARENDR, 1979).

Embora a Alemanha Nazista tenha sido uma das principais inspirações de Atwood ao escrever *O Conto da Aia*, outros eventos históricos foram utilizados. Entre eles, temos a Revolução Islâmica no Irã em 1979, que extirpou das mulheres seus direitos; o crescimento da “Direita Cristã” nos Estados Unidos durante as décadas de 1970 e 1980, cujos desdobramentos políticos inflaram a ala conservadora do país e ameaçam, até hoje, o acesso a métodos contraceptivos; e as políticas de fertilidade na Romênia sob o comando de Nicolae Ceaușescu, que determinara a gestação de, no mínimo, quatro crianças por mulher, e as monitorava mensalmente (caso a mulher não estivesse grávida, deveria prestar explicações ao Estado)[8].

Nesse cenário, vemos que, apesar de *O Conto da Aia* e sua adaptação televisiva serem classificados como obras de ficção, elas lidam com problemas reais. Sabemos que, na atualidade, a mídia e a tecnologia têm permeado e moldado nossa relação com o mundo (KELLNER, 2001). Já que a cultura da mídia é poderosa em alcance e influência, deve ser um eco de pautas atuais. *The Handmaid's Tale* tem as bases de sua história em discussões sobre mudanças climáticas, fertilidade e totalitarismo. Dentro desses refúgios, há uma temática presente de forma explícita ou implícita: a busca por refúgios, sejam eles internos ou externos. Mas de onde vêm as concepções sobre esses assuntos retratadas pela série? Quais são os discursos da cultura com os quais *The Handmaid's Tale* dialoga?

Entretenimento, consumo e ação

Em primeiro lugar, é preciso traçar uma distinção necessária entre ficções fantásticas/científicas e a ficção especulativa. Para Atwood (2011), a diferença é simples: enquanto na ficção científica as histórias tratam de eventos fora da realidade – como invasões alienígenas em *A Guerra dos Mundos*, de H. G. Wells –, a ficção especulativa forma suas histórias com base em fatos do passado e presente, assim como em futuros plausíveis que apenas não haviam acontecido e/ou se completa-



do até a conclusão da obra. Um exemplo do último são as obras de Júlio Verne, que nar-ram histórias de grandes viagens pelo mar ou ar. Embora os feitos não houvessem sido completa-dos na época, sua execução estava no horizonte, e, hoje, são possíveis. Atwood (2011) coloca seus próprios livros na mesma categoria de Verne.

Outra divisão que permeia trabalhos literários ficcionais está entre Utopia e Distopia. O primeiro conceito advém do livro homônimo escrito por Thomas More; seu significado é, literalmente, “não-lugar”. No entanto, traduções iniciais interpretaram Utopia como “bom lugar”, significado popularmente associado à palavra. Utopias caracterizam sociedades em que pragas foram elimina-das, guerras cessaram, desigualdade não existe e a liberdade é infinita. Já Distopia é, em tese, o oposto de Utopia; portanto, um “lugar ruim”, onde reina a pobreza, desigualdade, doenças, totali-tarismo governamental, entre outros fatores. Atwood (2011) propõe que, na realidade, Utopias e Distopias são os dois lados de uma mesma moeda, afinal, “dentro de cada utopia, [há] uma disto-pia enclausurada; dentro de cada distopia, uma utopia escondida” (ATWOOD, 2011, p. 85). Como nenhuma narrativa é pura em sua representação de bem ou mal, mas trabalha com um “padrão de *yin e yang*” (ATWOOD, 2011, p. 85), Distopias e Utopias são fundidas e formam o conceito de Ustopia, cunhado por Atwood (2011) e aplicado em diversos de seus romances, incluindo “O Con-to da Aia”.

Os elementos ustópicos do romance são muitos. Um dos mais interessantes se encontra ao final da obra: nas “Notas históricas”, uma espécie de epílogo que mostra o mundo cerca de dois séculos após a história contada. Nele, Atwood narra um evento acadêmico: “Décimo Segundo Simpósio sobre Estudos Gileadianos” (ATWOOD, 2017, p. 351). O apresentador do tema principal, James Darcy Pieixoto, fala sobre “Problemas de autenticação com relação a *O conto da aia*” (ATWOOD, 2017, p. 352). É uma metanarrativa; Pieixoto traça críticas ao material, que tem sua autenticidade colocada em xeque. O material não fora escrito, e, sim, gravado em fitas cassete. Não possuía títu-lo. Na realidade, o nome *The Handmaid’s Tale* faz uma referência obscena, e, certamente, machis-ta: em inglês, *tale* (conto, história) soa semelhante à palavra *tail* (rabo). Esse último foi, de acordo com o palestrante, “o pomo da discórdia naquela fase da sociedade de Gilead de que trata a nossa saga. (*Risos, aplausos*)” (ATWOOD, 2017, p. 353). A fala de Pieixoto também recebe risos (acompa-nhados de resmungos, dessa vez) após observar que a “Rota Clandestina Feminina” referida e to-mada por Offred no material foi “apelidada por alguns de nossos trocistas históricos de ‘A Rota Clandestina do Sexo Frágil’”. Além de tais ponderações, o pesquisador é aplaudido ao aferir que

devemos ser cautelosos ao fazer um julgamento moral sobre a sociedade gileadia-na [...]. [Ela] estava submetida a grandes pressões de caráter demográfico e ou-tros, e estava sujeita a fatores dos quais nós felizmente estamos mais livres. Nos-so trabalho não é censurar e sim compreender (ATWOOD, 2017, p. 355).

O caráter ustópico da história começa justamente na gênese de Gilead: fertilizar a terra e as mu-lheres. Em um mundo com pouca produção agrícola e baixas taxas de natalidade, o esforço pode parecer nobre; no entanto, vem carregado de implicações negativas para as minorias sociais. Ao ser confrontado sobre as desvantagens do novo sistema de governo, o comandante Fred explica que “Melhor nunca significa melhor para todo mundo [...]. Sempre significa pior, para alguns” (ATWOOD, 2017, p. 251). A fala é repetida pelo personagem na série televisiva durante o quinto episódio da primeira temporada (*Faithful*).



As imagens sobre fertilidade da terra/humana fornecidas pela mídia dão subsídio à formação de opinião social sobre o assunto. Produtos da indústria cultural distribuem e popularizam modelos do que significa ser mulher ou homem, impotente ou poderoso, fracassado ou bem-sucedido. Essa cultura da mídia cria e fortalece concepções sobre classe social, etnia, nacionalidade, sexualidade, semelhantes (“nós”) e outros (“eles”). Tais modelos de sociedade devem ser analisados e levados para o campo das discussões acadêmicas (KELLNER, 2011). A mídia há de ser autovigilante sobre as abordagens que toma, que incluem divagações ou avanços nas pesquisas sobre as mudanças climáticas e fertilidade. Como produto midiático, *The Handmaid’s Tale* trata diretamente dessas questões, além de tópicos politicamente relacionados, como fertilidade e a ascensão de governos totalitários.

Kellner e Share (2007) também apontam que, na atualidade, a mídia, em si, já é uma forma de pedagogia; no entanto, seus ensinamentos são frequentemente invisíveis ou apreendidos de forma inconsciente. Uma análise crítica da mídia englobaria as diversas formas de comunicação massiva e cultura popular, aprofundando também o potencial da educação, já que essa se torna capaz de analisar criticamente as relações entre mídia e público/informação e poder.

Estudos feministas

São várias as observações acadêmicas sobre a relação intrínseca entre gênero, raça e classe; os três pontos constroem identidades, modos de ver o mundo, e são alvo de opressões cotidianas. Com isso em mente, as obras de estudos feministas são especialmente relevantes, com ênfase em pensadoras da segunda onda do movimento, que considerou a forte relação entre desigualdades culturais e políticas de mulheres (DAVIS, 1981; HOOKS, 1984).

Embora grande parte destas obras tenha sido escrita entre as décadas de 1960 e 1980 por ativistas e acadêmicas nos Estados Unidos, seus pensamentos foram refletidos no Brasil, ainda que tardiamente. Por conta do momento político do país (instalação do Golpe Militar de 1964), questões trabalhistas relacionadas às mulheres – uma pauta que também se relaciona à primeira onda feminista – tiveram prioridade entre ativistas. Ao longo das décadas de 1960, 1970 e 1980, mulheres se uniram a sindicatos, coletivos de mães, ao movimento “Diretas Já”, e reivindicaram anistia política; portanto, assim como o feminismo de segunda onda foi contemporâneo do *Civil Rights Movement* nos Estados Unidos (HOOKS, 1984), surgiu em terras brasileiras como grande aliado de mudanças e resistências políticas (PEDRO, 2012). No entanto, problemáticas específicas às vidas de mulheres eram, por vezes, relevadas pelos movimentos dos quais participavam. As ativistas eram “acusadas pelos companheiros de dividir a militância ou de enfraquecê-la com ‘questões secundárias’. Para as feministas, contudo, a questão do direito das mulheres era fundamental” (PEDRO, 2012, p. 245).

Para garantir os direitos das mulheres, alguns erros cometidos na primeira onda feminista, que ocorreu entre o século 19 e início do século 20, deveriam ser corrigidos. Angela Davis (1981) aponta a oposição entre o movimento negro e o movimento feminista como uma das principais razões pela falta de adesão de mulheres americanas negras (e apoio de homens) ao sufrágio. A primeira onda do feminismo lutava primordialmente pelo direito ao voto, que não existia para mulheres ou minorias étnicas. Embora sufragistas da época tenham procurado aproximar as duas pautas, viu-se que o governo americano não as aprovaria em conjunto. Rapidamente, os movimentos (especialmente o sufragista) mudaram seus discursos.



Elizabeth Cady Stanton, uma das líderes do sufrágio americano, chegou a afirmar que mulheres brancas e formalmente educadas seriam mais dignas e aptas a votar[9]. Tal pensamento fez parte da origem do feminismo “liberal”, que procura conciliar os interesses do liberalismo econômico aos direitos públicos e privados das mulheres (CYFER, 2009). Esse objetivo contém, em si, paradoxos: já que o liberalismo preza por não interferir na esfera privada, como o Estado protegeria mulheres em situação de violência, abuso ou importunação doméstica? Deveria o Estado auxiliar na emancipação financeira ou educacional de mulheres? Seria necessária a divisão de tarefas domésticas, que, por convenção social, são totalmente direcionadas às mulheres? Se a autonomia individual dentro do sistema político é um dos focos do liberalismo, é possível aplicar a máxima feminista “o pessoal é político” ao feminismo liberal? Tais questionamentos mostram que a primeira onda do movimento feminista visava a emancipação apenas de um certo tipo de mulher: a branca de classe média/alta, que poderia se movimentar livremente na sociedade sem erodir as bases de uma cultura patriarcal. Embora a lógica do liberalismo tenha aberto portas para a emancipação da mulher – especialmente a branca e com acesso à educação formal – no passado, não é resposta ideal para os problemas de hoje, que necessitam de um diálogo interseccional (DAVIS, 1981; HOOKS, 1984).

Pensadoras da segunda onda como Angela Davis e bell hooks procuram criar uma ponte entre as lutas antirracista e feminista. hooks (1984) explica que, por mais que vivamos em sociedades patriarcais, uma mulher pode sentir que não é explorada ou oprimida; isso ocorre por conta de uma posição de privilégio em comparação às outras mulheres, ou, até mesmo, da ignorância em relação às explorações e opressões sofridas.

Na lógica patriarcal/capitalista explicada por hooks, homens brancos são a classe hegemônica (embora influenciados por questões de classe). Homens negros sofrem com o racismo, mas o sexismo vigente “permite” que ajam de modo opressor e/ou explorador em relação às mulheres. Da mesma maneira, mulheres brancas são vítimas de sexismo, mas podem ser opressoras e/ou exploradoras de pessoas negras (HOOKS, 1984). Na reprodução da lógica capitalista e patriarcal, não conseguiremos atingir liberdade racial e de gênero. “Enquanto esses dois grupos ou qualquer outro grupo definir emancipação como ganhar igualdade social com homens brancos da classe hegemônica, terão um interesse mascarado na exploração e opressão contínua de outros” (HOOKS, 1984, p. 15)[10].

A obtenção de direitos e o reconhecimento social de mulheres pode variar de acordo com a cultura vigente. Em *Mulheres, Raça e Classe*, Davis (1981) explora a história das mulheres negras nos Estados Unidos. Enquanto eram tidas como escravas, deveriam atuar na mesma intensidade dos homens. Além disso, eram fonte de lucro: a alta natalidade era preferível – seja por relações consensuais, ou, em geral, estupros –, e o trabalho nos campos não deveria parar por conta da amamentação ou do cuidado de bebês. As exceções eram mulheres reservadas apenas para “parir” novos/as escravos/as e as amas de leite (DAVIS, 1981).

As pressões sobre a mulher negra não acabaram após a abolição da escravatura. O trabalho doméstico continuou a ser parte da rotina – e, na sociedade pós-industrial, foi incorporado às vidas das mulheres brancas. Davis (1981) lembra que o trabalho doméstico realizado por mulheres não é sempre desprezado. Em diversas economias pré-capitalistas, como na do povo Masai, o trabalho doméstico é tão essencial para a economia quando a pecuária, conduzida por homens. Mulheres são consideradas produtoras, e, por isso, possuem status social correspondente ao masculino. Por outro lado, em sociedades capitalistas avançadas, o trabalho doméstico é direcionado ao serviço.



Mulheres não conseguem produzir evidências de seus trabalhos. A dona de casa, portanto, não é dona nem de si mesma, já que atua como “a serva vitalícia de seu marido” (DAVIS, 1981, p. 233, tradução livre)[11].

Além da execução do trabalho doméstico, o trabalho fora de casa (ou para fora de casa, como lavagem de roupas) foi incorporado à rotina por conta de necessidades financeiras. Portanto, quando mulheres brancas começaram a integrar massivamente o mercado de trabalho e o viram como o grande emancipador feminino, mulheres negras não viviam a mesma realidade. O trabalho era primordial à sobrevivência, e não um caminho em busca da satisfação pessoal (DAVIS, 1981).

A entrada massiva de mulheres brancas no mercado de trabalho no início e meio do século 20 também trouxe um dilema às mulheres negras: como empatizar com quem tira vagas de emprego dos homens negros? Enquanto Betty Friedan publicava *The Feminine Mystique* em 1963 – obra que também faz parte da segunda onda feminista –, incentivando a força de trabalho de mulheres, comunidades negras sofriam com a perda de espaço no mercado (DAVIS, 1981). A dicotomia das lutas antirracista e feminista aparecem novamente na história.

É necessário, portanto, deixar de compreender o feminismo como uma luta individual. O feminismo é uma causa política, comunitária, e, em consequência, possível à todas às mulheres. Através da sororidade – o apoio político entre mulheres – é que o concretizamos. Ao narrar sua experiência como docente de um grupo diverso de mulheres, hooks (1984, p. 57) explica que, “ao aprendermos os códigos culturais umas das outras e respeitarmos nossas diferenças, sentimos um senso de comunidade, de sororidade. Respeitar a diversidade não significa uniformidade ou mesmice”[12].

À primeira leitura, pode parecer inusitado o foco do trabalho em teóricas do feminismo negro. No entanto, os produtos analisados traçam paralelos constantes com o *status* dessas mulheres em sua chegada ao continente americano: extirpadas de todas as liberdades individuais e públicas, devem trabalhar e parir até a morte. No processo, são torturadas, humilhadas e estupradas (DAVIS, 1981). É este o destino das Aias de Gilead. Além disso, o livro só possui personagens brancas, afinal, a história original se aprofundou na necropolítica do branqueamento social (ATWOOD, 2017).

Os Estudos Culturais são uma adição bem recebida pelo movimento feminista (HOOKS, 1990). Eles proporcionam a imersão em realidades distantes de pesquisadoras/es de diferentes origens raciais, gêneros e classes, e abrem espaço para discussões transdisciplinares. bell hooks (1990) também acredita que os Estudos Culturais dão oportunidade para o tratamento de dimensões políticas de racismo e sexismo sem medo, até por quem pode ser considerado o/a opressor/a; contudo, isso deve ser feito com uma lógica anticolonial. “A/o outra/o” – ou seja, a pessoa (ou grupo de pessoas) analisada – não deve ser apropriada por quem está no poder.

O que hooks propõe, então, é olhar para o mundo e suas questões políticas ao estarmos localizadas na margem (1989, p. 15). Escolher a margem é estar livre para olhar o mundo com outras lentes, fora do colonialismo, capitalismo, patriarcalismo, racismo, sexismo e tantas outras ameaças ao “prazer e poder do conhecimento” (HOOKS, 1989, p. 15, tradução livre)[13]. Assim, a margem é um refúgio duplo: refúgio de um mundo que não recebe quem não se encaixa nas lentes redutoras de vida citadas acima, e, além disso, refúgio para pensar e agir de outras maneiras. Essa tarefa não nos chega sem desafios: como articular em palavras um novo jeito de viver e pensar? É preciso lutar, e a linguagem é palco de muitas lutas (HOOKS, 1989). Ela expressa o que raciocinamos, senti-



mos: “Somos casadas/os na linguagem, temos nosso ser em palavras [...]. Oprimidas/os lutam na linguagem para recuperação, reconciliação, reunião, renovação. Nossas palavras não têm sentido, são uma ação, uma resistência” (HOOKS, 1989, p. 16, tradução livre).

A margem cria novos saberes e relações; novas linguagens; novas significações. Há de se notar a semelhança da margem de hooks com as resistências subalternas citadas por Preciado (*apud* CARRILLO, 2010): após questionamentos ao *status quo* vindos do movimento feminista, do movimento negro e dos Estudos Culturais, as portas se abrem para aqueles que eram até então considerados “abjetos do saber” (PRECIADO *apud* CARRILLO, 2010, p. 61). Ao invés de adotar delimitações de identidade sexual, nacional ou da cultura vigente, a população subalterna trabalha com uma comunicação híbrida. Para Preciado, “[...] trata-se mais que nada de sublinhar a multiplicidade de histórias, ao mesmo tempo que o caráter híbrido de nossa própria cultura” (*apud* CARRILLO, 2010, p. 62).

Ao compreendermos a visão de margem de hooks (1989) e as resistências subalternas de Preciado (2010), também construímos um olhar mais crítico e múltiplo às diversas significações imagéticas da história – seja ela narrada em páginas ou em uma televisão. Por bem ou por mal, “O Conto da Aia” lida com uma cultura de mulheres dentro de um país legalmente sexista. Todas elas – e quem mais estiver contra o regime totalitário – estão nas margens; suas resistências só podem ser subalternas. Como as mulheres em Gilead não podem falar tudo o que pensam, ou, muito menos, assim fazê-lo, elaborar situações em que uma miríade de interpretações imagéticas seja possível é fundamental para o bom andamento e compreensão da história. Imagens textuais e televisivas serão expostas e analisadas da margem para a margem; veremos, então, como as moradoras de Gilead lutam por serem subalternas.

Há refúgio em Gilead?



Figura 2: Frame do episódio *Birth Day*. Ao voltar do mercado, Alma, Dolores, June e Emily (da esquerda para a direita) conversam em frente à corpos de traidores de Gilead. Fonte: Globoplay.



São muitos os modos de resistências subalternas, vivências nas margens e refúgios apresentados ao decorrer do livro e da série: olhares, conversas com pares (que não são incentivadas, como os diálogos entre as aias), envolvimentos emocionais, e, de modo mais explícito, tentativas de derrubar o regime totalitário de Gilead. No entanto, uma faceta da resistência que não pode ser ignorada é a “humanização” das personagens através da busca por uma certa normalidade de vida; é a procura pelo passado. Uma das ocasiões mais sutis, e, ao mesmo tempo, marcante na busca por uma relativa normalidade, é a descoberta de Offred sobre hidratação da pele. Produtos cosméticos são banidos às Aias, sob a premissa de que elas não devem chamar a atenção de homens. Espelhos são escassos (ATWOOD, 2017, p. 16). Há pouco espaço para o cuidado pessoal básico além de banhos. Ao perceber que sua pele está seca, Offred deseja passar um creme – coisa que não conseguirá em sua posição social. No entanto, há uma alternativa: utilizar sobras de manteiga. Ao planejar o uso dela para hidratação, Offred reencontra a si mesma e visualiza sua *performance* como Aia.

Há um naco de manteiga num dos lados do prato. Rasgo um canto do guardanapo de papel, embrulho a manteiga nele, levo para o armário e o enfio no bico de meu sapato direito, do par adicional, como já fiz antes. Embolo e amasso o resto do guardanapo: com certeza, ninguém vai se dar ao trabalho de desamarrotá-lo, para verificar se alguma parte está faltando. Usarei a manteiga mais tarde, esta noite. Seria melhor, neste anoitecer, não cheirar a manteiga.

Espero. Eu me acalmo e me componho. *Aquilo a que chamo de mim mesma é uma coisa que agora tenho que compor, como se compõe um discurso. O que tenho de apresentar é uma coisa feita, não algo nascido* (ATWOOD, 2017, p. 81-82, grifo meu).

Outro exemplo é a insatisfação trabalhista de Rita, a Martha da residência dos Waterfords. Embora ela não possa vocalizar suas reclamações, faz-as sentidas ao cozinhar mal. Após receber uma bandeja de comida em seu quarto, Offred nota que a coxa de galinha, prato especial da refeição, está “[...] cozida demais. É melhor que sangrenta, que é a outra maneira como ela faz. Rita tem maneiras de fazer seu ressentimento ser sentido” (ATWOOD, 2017, p. 81).

Na série, a cena citada não está explicitamente presente; no entanto, as reclamações de Rita e sua relutância inicial ao ajudar June são mostradas. As Marthas possuem, tanto no livro quanto na série, redes de informações e de fugas separadas das Aias. O cruzamento de informações não é comum, além de ser considerado perigoso. Rita não é o foco das câmeras por muito tempo, principalmente durante a primeira temporada. Na maior parte das vezes, além de ser colocada nos cantos do *frame*, serve como plano de fundo a alguém com um papel de chefia. A exceção é June.



Figura 3: *Frame* do episódio *Nolite Te Bastardes Carborundorum*. Rita conversa com Serena, mas em desfoque. Fonte: Globoplay.



Figura 4: *Frame* do episódio *Late*. Rita serve café da manhã para June.

Ao mostrar June e Rita como símbolos visualmente complementares, a cinematografia de *The Handmaid's Tale* nos diz, visualmente, que, embora pertencentes a grupos diferentes, a Martha e a Aia estão em pé de igualdade: ambas não possuem direitos e têm seu corpo utilizado por outros, seja para a performance de tarefas domésticas ou a fim de engravidar e parir. Essas duas atribuições são fortemente ligadas à figura feminina (RICH, 1986; WOLLSTONECRAFT, 2016; DAVIS, 1981); e, nas figurações de Marthas e Aias, se complementam a fim de dar vazão à revolta contra



o sistema vigente. Isso se concretiza ao final da segunda temporada, que mostra Rita como arquiteta da terceira tentativa de fuga de June.

Outro relacionamento importante para a história do livro e da série é a de June e Moira, sua melhor amiga. Muito próximas desde o período pré-Gilead, as duas foram colocadas no mesmo centro de treinamento para Aias – o Centro Vermelho – após o início do regime. Tentam fugir juntas para o Canadá, mas June foi capturada no início da jornada. Moira consegue passar algum tempo em esconderijos, mas, eventualmente, é pega. Ela é considerada pelas Tias uma má influência sobre as demais Aias. Duas opções lhe são dadas: ir para as Colônias (local que será explorado no próximo capítulo) ou se tornar uma Jezebel. Escolhe a última, pois terá, dentro do possível, uma espécie de “qualidade de vida”.

Um dia, June é levada à Casa de Jezebel – local em que homens em posições de poder no governo de Gilead se reúnem a fim de explorar as mulheres em questão. Ela e Moira se encontram. Moira está conformada com seu estilo de vida, mas June a impulsiona a tentar outra fuga.



Figura 5: *Frame* do episódio *Jezebels*. Moira e June se encontram na Casa de Jezebel. Fonte: Globoplay.



Figura 5: *Frame* do episódio *Night*. Luke e Moira se encontram após a chegada da última a um centro de refugiados no Canadá. Fonte: Globoplay.

Na série, eventualmente, Moira rouba um automóvel e cruza a fronteira entre Gilead e o Canadá. Lá, encontra Luke – o marido de June –, e passa a trabalhar pelo acolhimento de refugiados e advogar pelos direitos das/os cidadãs/os de Gilead.

Moira é apresentada como uma mulher branca na narrativa literária; no entanto, dentro da adaptação televisiva, é negra. Certas adaptações precisam ser feitas na transição da linguagem literária para a cinematográfica. São diversos os motivos: identificação com o público-alvo, orçamento, escolhas no foco da história (como a supressão do trecho do livro que fala sobre os Escritos da Alma), e facilitar a visualização de certos pontos da narrativa ao público do conteúdo audiovisual. Embora os dois produtos estudados sejam extremamente semelhantes, algumas mudanças – que não chegam a alterar o rumo da história – são particularmente interessantes, como a caracterização de Moira. A mesma problemática está presente na caracterização de Luke e de Hannah, filha dele com June (que não é nomeada no livro). Na narrativa literária, assume-se que os dois eram brancos; afinal, Gilead exterminou a todos/as que não o fossem, e a filha de Offred está viva sob os cuidados de um casal da cúpula do país. Como a série não adota a mesma narrativa de “supremacia branca” explícita – chega a evidenciar comandantes e esposas negros/as – e prefere focar em assuntos de fertilidade, ver personagens negros e negras nas telas é comum; no entanto, nenhuma ocupa tanto tempo da narrativa quanto Moira.

Todos os atributos da Moira “literária” são mantidos na série: uma mulher com facilidade em falar o que pensa, que trabalha com causas sociais, possui forte vínculo com June e é lésbica. A camada de sua identidade negra não chega a ser diretamente abordada pela série. Mesmo assim, sua representatividade é notável. Como coloca Davis (1981), mulheres negras sempre estiveram, desde sua chegada ao continente americano, em posições socialmente inferiores. É razoável assumir que, antes da instalação de Gilead, ela sofrera com preconceitos e falta de oportunidades baseados somente na cor de sua pele e/ou sexualidade. Após o começo do novo país, Moira e outras



mulheres negras férteis passam a ocupar uma posição semelhante às mulheres negras escravizadas nas américas: servem, primariamente, como parideiras e força de trabalho (DAVIS, 1981). Ao contrário de seus pares brancos, as aias negras já conheciam as histórias de um povo sem direitos.

Luke também vive um retorno às histórias de seus antepassados. Ao fugir para o Canadá, assim como muitos negros e negras escravizados nos Estados Unidos (DAVIS, 1981), ele desfruta de liberdade; no entanto, como refugiado, seus direitos não são, muitas vezes, nítidos. As oportunidades de trabalho são limitadas, assim como sua condição financeira. Além disso, ele está separado da família. Sua filha, Hannah, está presa em Gilead, assim como June. A menina não é apenas privada da companhia e amor do pai e da mãe; ela também tem qualquer possibilidade de desenvolvimento acadêmico formal tirada. As desambiguações culturais que estariam em sua vida também são apagadas. Apesar de birracial, Hannah crescerá em um mundo ocidentalizado ao extremo, e sem quaisquer referências à cultura negra da qual faria parte.

June não luta de modo egoísta por mudanças em Gilead. Ela deseja que o regime totalitário caia para que possa se reunir a seu marido, e, principalmente, às suas filhas (além de Hannah, ela tem outra menina em Gilead). Como Adrienne Rich coloca, por vezes esquecemos que somos “nascidas de mulher” (1986, p. 11). Compreender a maternidade fora das lentes do patriarcado, que a colocam como instituição obrigatória e enclausuradora dos corpos femininos, mostra que nossos relacionamentos com mães – sejam elas biológicas ou não – são de extrema importância para a formação de identidades individuais.

Através de sua busca por Hannah e da vontade de tirá-la – junto à sua meio irmã – do país, June mostra que ações de raiva, tão associadas a uma má *performance* da maternidade e compreendidas como o oposto do amor piedoso maternal, são apenas reflexos da complexidade das emoções humanas, presentes em todas as mães. Na realidade, a raiva de June, quando/se compreendida por suas filhas, pode ser um fator admirável; afinal, sua luta é pelo não-conformismo delas aos papéis sociais que as serão assinalados em Gilead via suas mães adotivas. Ao escrever sobre relacionamentos entre mães e filhas, Adrienne Rich reforça que

Poucas mulheres que crescem na sociedade patriarcal podem se sentir suficientemente cuidadas por suas mães; o poder de nossas mães, qualquer que seja seu amor por nós e suas lutas em nosso nome, é muito restrito. E é através da mãe que o patriarcado ensina cedo à pequena mulher quais prospectos são aceitáveis. A pressão ansiosa de uma mulher à outra a fim de se conformar a um papel degradante e desanimador dificilmente pode ser chamada de “maternidade”, mesmo que ela acredite que isso ajudará sua filha a sobreviver (RICH, 1986, p. 243, tradução livre).

A força motriz das mudanças em Gilead são os relacionamentos entre as mulheres. Em um Estado que extirpa cidadãos de seus direitos, qualidades sociais inerentes se mostram como a única alternativa efetiva contra o fascismo (ARENDR, 1979). Utilizar recursos da esfera privada para combater a pública é a tática das Aias. Em *O conto da aia*, Offred revela que

O que nos confronta, agora que toda a agitação acabou, é nosso fracasso. Mãe, penso. Onde quer que você possa estar. Pode me ouvir? Você queria uma cultura de mulheres. Bem, agora existe uma. Não é como a que você queria, mas existe. Dê graças a Deus pelo pouco que tem” (ATWOOD, 2017, p. 155).



As aias são mandatoriamente colocadas nas margens, porém, podem aceitá-las ou não como lugar de pertencimento. Ao adotarem as margens como espaço de resistência e pertencimento, a história de *The Handmaid's Tale* mostra que essa postura é um meio possível para a criação de mecanismos de atuação político-social em meio à opressão. A rejeição de um grupo social nunca é vantajosa; no entanto, culturas criadas por essas margens de refúgio podem ser a única coisa que as separa de um regime totalitário, consumindo esferas privadas e públicas da vida (ARENDDT, 1979). Margens oferecem refúgios, que, nesse contexto, significam a possibilidade de (re)existência, afirmação e criação de laços com outras pessoas.

Recebido em: 30/03/2022

Aceito em: 30/04/2022

Bibliografia

ARENDDT, Hannah. **The origins of totalitarianism**. Orlando: Harcourt, 1979.

ATWOOD, Margaret. **In Other Worlds: SF and the human imagination**. New York: Nan A. Talese, 2011.

ATWOOD, Margaret. **O conto da Aia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BEHJATI-ARDAKANI, Z.; AKHONDI, M.; MAHMOODZADEH, H.; HOSSEINI, S.H. An Evaluation of the Historical Importance of Fertility and Its Reflection in Ancient Mythology. *In: Journal of Reproduction and Infertility*, v. 17, n. 1, 2016, p. 2-9.

CARRILLO, Jesús. Entrevista com Beatriz Preciado. Entrevistada: Beatriz Preciado. *In: Revista Poiesis*, n. 15, 2010, p. 47-71.

CYFER, Ingrid. Liberalismo e Feminismo: Igualdade de gênero em Carole Pateman e Martha Nussbaum. *In: Revista de Sociologia e Política*, v. 18, n. 36, 2010, p. 135-146.

DAVIS, Angela Yvonne. **Women, race & class**. New York: Random House, 1981.

HOOKS, bell. Choosing the margin as a space of radical openness. *In: Framework*, n. 36, 1989, p. 15-23.

HOOKS, bell. **Feminist theory: from margin to center**. Boston: South End Press, 1984.

HOOKS, bell. **Yearning: race, gender, and cultural politics**. Boston: South End Press, 1990.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia – Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: Edusc, 2001.



KELLNER, Douglas; SHARE, Jeff. Critical media literacy, democracy, and the reconstruction of education. *In*: MACEDO, Donaldo; STEINBERG, Shirley (Eds.), **Media literacy: A reader**. New York: Peter Lang Publishing, 2007, p. 3-23.

RICH, Adrienne. **Of Woman Born**. New York: W. W. Norton & Company, 1986.

SWAIM, G.G. Gilead. *In*: TENNEY, Merrill; BARABAS, Steven (Eds.). **The Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible**. Grand Rapids, 1976, v. 2, p. 723-725.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos das mulheres**. São Paulo: Boitempo, 2016.



[2] Disponível em: <<https://goo.gl/cqfNN3>>. Acesso em: 02 out. 2017.

[3] Informações disponíveis em: <<https://goo.gl/qhZkJw>> e <<https://goo.gl/o9TaKx>>. Acesso em: 02 out. 2017.

[4] Disponível em: <<https://goo.gl/cXAJmR>>. Acesso em: 02 out. 2017.

[5] Disponível em: <<http://bit.do/eBKzJ>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

[6] “[...] could really happen”. Disponível em: <<http://bit.do/eBKBB>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

[7] O nome do país é uma referência bíblica direta. Conforme Swaim (1976), Gileade é o nome de um dos pedaços de terra israelita mencionado no livro de II Reis; de um grupo populacional paralelo às tribos de Rúben e Dã e equivalente à Gade no livro de Juízes; e de uma cidade, também no livro de Juízes. A terra em Gileade (região ou cidade) era considerada fértil, e conhecida pela produção de frutas e de um bálsamo mencionado no livro de Jeremias. Uma das cidades da região de Gileade – Ramote – é citada como uma cidade de refúgio. As cidades de refúgio eram designadas para a proteção de israelitas e imigrantes que matassem alguém por engano até seu julgamento.

[8] Disponível em: <<https://bit.ly/3cGZBwE>>. Acesso em: 17 mai. 2020.

[9] Disponível em: <<https://n.pr/3cXCrSK>>. Acesso em: 25 mai. 2020.

[10] “As long as these two groups or any group defines liberation as gaining social equality with ruling class white men, they have a vested interest in the continued exploitation and oppression of others”.

[11] “[...] her husband’s lifelong servant”.

[12] “By learning one another's cultural codes and respecting our differences, we felt a sense of community, of Sisterhood. Respecting diversity does not mean uniformity or sameness”.

[13] “pleasure and power of knowledge”.